



Competir com sentido ético

A 6ª edição do Prémio Engenheiro do Futuro coincidiu com a celebração do 15º aniversário de arte&construção, "uma data simbólica para toda a equipa que tem trabalhado ao longo dos anos neste projecto de informação para profissionais", como sublinhou o director da revista, Paulo Martins. Orlando Curcialeiro, foi distinguido este ano com um trabalho subordinado ao tema engenharia e competitividade e é estudante finalista do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa (ISEL).

A cerimónia de entrega do galardão decorreu no segundo dia da Concreta e contou com a presença de Vicente Ferreira, anterior presidente e docente do ISEL e que lidera actualmente o Instituto Politécnico de Lisboa, ao qual pertence aquela escola.

Vicente Ferreira salientou a importância de "premiar os jovens potenciais engenheiros", considerando a distinção como um "incentivo de louvar no contexto nacional" e assinalou que o prémio significa também o reconhecimento do mérito do ISEL.

"O ISEL é uma escola de engenharia de prestígio que tenta dentro das suas possibilidades formar engenheiros com competências técnicas para um bom desempenho profissional",

afirmou, acrescentando que "a engenharia portuguesa precisa de incentivos".

Reconhecendo que "atravésamos um momento que não é famoso em termos de desenvolvimento económico", Vicente Ferreira considerou que "dar este incentivo é apostar numa juventude que pode dar a volta que este país precisa".

O presidente do IPL admite que existe algum desânimo entre os futuros engenheiros, mas mostrou-se mais preocupado com o acesso aos cursos do que com as saídas profissionais.

"Não estou tão preocupado com as saídas profissionais como com a entrada dos alunos para as engenharias. Com as exigências da matemática e da física e com os problemas que temos ao

nível do ensino secundário destas disciplinas podemos correr o risco de, a curto prazo, não termos profissionais para dar resposta às necessidades do país".

Para este responsável, "tem havido uma grande falta de vocações para as áreas científicas porque há um conceito generalizado que a matemática e a física são disciplinas difíceis".

"Isso deixou de criar atractividade para querer seguir uma carreira no domínio das ciências o que tem tido reflexos muito negativos nas engenharias, sobretudo mecânica e electro-técnica, que não conseguem captar alunos", vincou.

Para inverter esta tendência, disse, é preciso "apostar no ensino ao nível do secundário,

mostrando às crianças que a matemática e a física não são papões".

Além disso, Vicente Ferreira considera que falta uma componente pedagógica na docência, sobretudo ao nível da matemática.

"O ensino deve ser baseado no jogo, deve-se mostrar para que é que as coisas servem e a sua ligação com a realidade", explicou o engenheiro.

Se é necessário "respeitar a vocação das pessoas porque só serão bons profissionais se forem o que querem ser", Vicente Ferreira admite, todavia, que "muitas pessoas escolhem a área de letras porque não conseguem fazer as matemáticas".

"Se calhar até queriam ser engenheiros...", sugeriu.

Prémio Engenheiro do Futuro

O presidente do Instituto Politécnico de Lisboa defendeu que é preciso afastar as "dificuldades aparentes" mostrando que estas são as regras que regem o universo em vez de apresentar estas disciplinas de forma hermética.

Falando sobre o ensino politécnico, Vicente Ferreira defendeu o reforço da componente científica.

"Na sua essência, o ensino politécnico vocacionou-se para as profissões, tendo uma forte componente tecnológica, mas as sociedades actuais vivem também da componente científica. Hoje não é possível saber fazer sem saber. O ensino politécnico tem de reforçar a componente científica, trazendo até para as nossas escolas os profissionais que já exercem e dão uma mais valia significativa ao ensino no que respeita ao saber fazer".

O que funciona também no sentido inverso, já que para os profissionais "é também uma mais valia porque ganham competências acrescidas".

O engenheiro Matos e Silva, membro do júri que distinguiu o trabalho de Orlando Curcialeiro, lembrou que a competitividade, que deu o mote ao prémio deste ano, é "um tema muito caro aos engenheiros e muito actual", numa altura em que a competição se exerce à escala mundial.

Matos e Silva salientou também que a competitividade "deve ser regida por critérios éticos, mas nem sempre isso acontece. É preciso criar regras de competição sãs".

Para o engenheiro e professor do ISEL, o trabalho de Orlando



Orlando Curcialeiro sentiu o apoio de Vicente Ferreira, presidente do IPL – Instituto Politécnico de Lisboa

Curcialeiro focou um aspecto importante:

"Falou da necessidade de inovação. É preciso criar e ser diferente para competir com os outros".

Matos e Silva sublinhou ainda o prestígio acrescido para o ISEL que resulta da atribuição de um prémio a um dos seus alunos, lembrando que "não é por acaso" que esta escola recebeu já, através dos seus alunos, duas distinções este ano.

"O ISEL tem 153 anos e foi durante muito tempo encarado como uma escola menor porque formava bacharéis. Julgo que foi muito importante passar para a fase de licenciaturas, procurando sempre não só o saber como se faz, mas acima de tudo o saber fazer".

O presidente da Associação Portuguesa de Projectistas e Consultores (APPC), Silveira

Ramos, introduziu novas questões no debate sobre a competitividade, com uma intervenção "contra o politicamente correcto".

Silveira Ramos entende que o actual paradigma da competição e do êxito cria problemas de distorção ao nível das pessoas, das instituições, das cidades e dos países.

"Tenho receio quanto ao endeusamento da competitividade. Os vencedores são uma minoria, os perdedores são a maioria. Se não tivermos cuidado, acabamos por criar uma sociedade de frustrados", observou.

Para o presidente da APPC, "é muito perigoso reduzir tudo ao resultado final da competição".

"Se só interessa ganhar, passa a valer tudo para ganhar. A sobrevalorização do resultado desvaloriza o caminho, desvaloriza a complementaridade e a

cooperação", comentou este responsável, adiantando que "é difícil ter pessoas a trabalhar em conjunto porque dentro das equipas gera-se competição".

O representante da Hilti, patrocinadora o prémio, retomou a ideia, sublinhando que nesta empresa existe "uma política forte de relações humanas e de transmissão da noção de integridade".

Dirigindo-se ao vencedor, Luís Teixeira lembrou: "Temos de ser bons, mas não temos sempre de ser os melhores".

Hipólito Sousa, que representou a Ordem dos Engenheiros na cerimónia, frisou que a importância do sector da construção em termos económicos, não tem paralelo na produtividade.

"A construção tem de apostar na industrialização, na qualidade dos produtos e na sustentabilidade para aumentar a produtividade", argumentou.

Hipólito defendeu igualmente que a competitividade é decisiva para esta mudança de atitude e que a formação deve ser "verdadeiramente qualificada".

"Os jovens profissionais têm de eleger a formação e o sentido ético", realçou o responsável da OE.

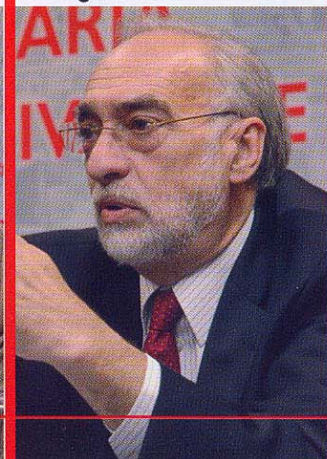
Antes da entrega do prémio, houve ainda oportunidade de ouvir o director da Concreta, José António Martins, que valorizou o apoio da feira a esta iniciativa.

"A Concreta tem-se pautado por acompanhar estas iniciativas porque nos valorizam cada vez mais. As feiras não podem ser só um palco de exposição de materiais".

Eng. Matos e Silva ▼



Eng. Silveira Ramos ▼



Eng. Luís Teixeira ▼



Eng. Hipólito Sousa ▼



Eng. António Martins ▼

